

A Educação Musical como campo científico Music Education as a scientific field

Jusamara Souza *

RESUMO: A pesquisa em Educação Musical no Brasil vem se estabelecendo, desde a década de 1990, graças à criação de associações, cursos e programas de pós-graduação e à realização de eventos e publicações na área específica. Para se fazer pesquisa em Educação Musical é necessário ter clareza da área como um campo capaz de produzir novos conhecimentos, dividindo, assim, as mesmas preocupações com outras ciências. O presente ensaio discute a epistemologia da Educação Musical, abordando as particularidades do conhecimento pedagógico-musical, a construção do objeto da área, aspectos históricos da discussão deste tema e contribuições recentes sobre a cientificidade da área. Construir o campo da Educação Musical significa criar uma disciplina científica autônoma, que possa dialogar com outros campos, como qualquer outra área do conhecimento o faz.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia da Educação Musical; Pesquisa científica; Campo científico; Práticas pedagógico-musicais.

ABSTRACT: The research in Music Education in Brazil has been established since the 1990s thanks to the creation of associations, courses and postgraduate programs, as well as the production of events and publications in the specific area. In order to do research in Musical Education it is necessary to have a clear view of the area as a field that is able to produce new knowledge, thus sharing the same concerns with other Sciences. This essay discusses the epistemology of Musical Education by addressing the particularities of pedagogical-musical knowledge, the construction of the object of the area, historical aspects of the discussion on this theme and recent contributions on the scientific nature of this area. Building up the field of Music Education means to create an autonomous scientific discipline that can talk to other fields as any other area of knowledge does.

KEYWORDS: Epistemology of musical education; Scientific research; Scientific field; Pedagogical-musical practices.

1 Introdução

O conceito de Educação Musical tem, no Brasil, pelo menos dois sentidos: um que remete às práticas de ensinar-aprender músicas e à didática da música exercida em diferentes contextos; e outro que remete a uma área do conhecimento que, como outras áreas, tem sua história e está em constante desenvolvimento.

Como área do conhecimento, a Educação Musical tem crescido substancialmente nos últimos anos em nosso país. Especialmente, com a criação da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), em 1991, os profissionais do ensino de música puderam melhor organizar, sistematizar e sedimentar a pesquisa e as diversas formas de atuação músico-educativa. Criada por um grupo de professores vinculados a universidades brasileiras, a ABEM, desde o início, teve como princípio abrigar profissionais que se interessam pelo tema

* Jusamara Souza é doutora pela Universität Bremen, Alemanha (Educação Musical). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e líder do grupo de pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO). E-mail: jusa.ez@terra.com.br

da Educação Musical. Alda Oliveira, uma das fundadoras e primeira presidente da ABEM, em uma entrevista ao *Boletim Informativo* da Associação, de janeiro de 2002, destaca o quanto foi importante o apoio da universidade e de colegas pesquisadores da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), para que se criasse “uma sociedade, como braço da Anppom, visando à produção e divulgação de pesquisa, não apenas para pesquisadores, mas também para professores” vinculados ao ensino básico (OLIVEIRA, 2002, p. 8).

Desde sua criação, a ABEM promove, regularmente, encontros nacionais, regionais e temáticos, propiciando à comunidade interessada a discussão de metodologias adequadas à nossa realidade; reflexões e debates sobre as políticas educacionais; divulgação de resultados de pesquisas na área e a difusão do conhecimento produzido mediante ações de extensão e ensino através dos relatos de experiência. Além disso, as publicações regulares, como a “Revista da ABEM” e “Música na Educação Básica”¹, têm colaborado para criar um banco de referências e fornecer bases para a literatura de formação nos cursos superiores e de pós-graduação em música.

A expansão da Educação Musical como área vem se dando também por meio da criação de cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Música, com ênfase na educação musical. A formação de pesquisadores na pós-graduação traz para a área uma mudança substancial no quadro de professores universitários que produzem pesquisas nos diversos cenários onde se realiza a educação musical. Classificada pelas agências de fomento - como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - como subcampo da Música, na grande área de “Artes e Comunicação”, a Educação Musical vem adquirindo sua legitimidade e sendo reconhecida como uma área importante de produção de conhecimentos.

Quais seriam, então, as especificidades do campo da Educação Musical? A Educação Musical seria uma ciência? Se sim, qual é o seu objeto? E como esse objeto pode ser trabalhado do ponto de vista teórico-metodológico? Desde meados da década de 1990, tenho me dedicado a estudar essas questões, procurando defender o estatuto científico da área, especialmente por se tratar de uma área nova no Brasil. Neste ensaio pretendo discutir algumas questões epistemológicas desse campo e seus desdobramentos para a pesquisa tendo como base alguns

¹ As revistas estão disponíveis no endereço: <http://www.abemeducacaomusical.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2019.

textos da minha produção acadêmica (SOUZA, 1996a; 1996b; 2001; 2007). Assim, retomo questões que tenho me debruçado como: O que é reconhecido como pertencente ao campo da Educação Musical? Qual é o objeto de estudo e quais problemáticas são privilegiadas na área? Quais seriam os limites e contornos desse campo? Quem participa efetivamente desse campo? Como a Educação Musical é constituída a partir dessas próprias práticas?

Diante dos limites de um ensaio, retomo algumas dessas questões de uma forma mais direta, com uma linguagem acessível para que possam ser compreendidas por um número maior de leitores, inclusive aqueles que não atuam nesse campo específico. Ao tomar como tema a constituição epistemológica da Educação Musical e sua importância para a prática da pesquisa, busco neste ensaio apresentar os aspectos que devem ser considerados para pensar essa área como ciência, ou seja, aquilo que a sustenta como um campo de conhecimento no qual se pode realizar a pesquisa científica.

Essa discussão é importante para que se possa assumir a Educação Musical como um campo científico e trabalhar nele de acordo com cânones próprios da ciência, com teorias e metodologias apropriadas ao contexto brasileiro. Nesse sentido, vale mencionar um conceito de ciência que possa abalzar essas reflexões. De acordo com o cientista social português Sedas Nunes (2005, p. 30) a palavra “ciência” designa duas realidades distintas: “um *produto* de determinado tipo de atividade humana, que é aquele a que os investigadores dedicam; esse produto consubstancia-se em ‘um corpo de conhecimento e de resultados’”; ou como “*um sistema de produção* desse produto”, que implica considerar “as condições concretas em que se exerce a actividade² dos investigadores”.

Ao considerar uma dada ciência como “um corpo de conhecimentos e resultados”, está-se considerando essa ciência sob pelo menos três aspectos: a) quem são os investigadores (por exemplo, seus interesses e suas posições); b) quais são os meios de produção do conhecimento (métodos de pesquisa, conceitos e teorias, recursos disponíveis, entre outros); e c) como se encontram estruturadas e como funcionam em relação a outras estruturas e instituições (políticas de financiamento, grau de independência, mecanismos de gestão administrativa e científica, entre outros) (SEDAS NUNES, 2005, p. 30, grifos no original).

Esses aspectos serão trazidos ao longo do texto, e contextualizados para as pesquisas em Educação Musical e o entendimento sobre pesquisas nessa área, uma vez que falar em

² Neste texto mantive a grafia do português de Portugal.

pesquisa pressupõe ter clareza do *status* epistemológico da área. No caso da Educação Musical seu objeto de interesse é o conhecimento pedagógico-musical. Assim, a pesquisa em educação musical deve estar voltada para os problemas da apropriação e transmissão musical orientando-se principalmente nas questões: *quem faz música, qual música, como e por que a fazem?* São essas questões que têm ocupado o centro do interesse da pesquisa em Educação Musical nas últimas décadas, considerando que as músicas, as maneiras de recepção e suas justificativas se modificam permanentemente, se considerarmos, por exemplo, a utilização dos meios de comunicação e das tecnologias disponíveis (SOUZA, 2001).

É importante lembrar que os objetos da área vão se modificando e que, como em qualquer ciência, são construídos socialmente. Mesmo porque, como escreve Sedas Nunes (2005), “não seria possível delimitar ‘aprioristicamente o objecto específico de toda e qualquer ciência’”. Para o autor, toda ciência “*constrói, produz activamente, o seu próprio objecto científico, e que é produzindo-o, e re-produzindo-o metodicamente ao longo do tempo, que historicamente se configura, singulariza e destriça das demais*” (SEDAS NUNES, 2005, p. 19, grifos do autor).

Nessa direção, muitos novos campos empíricos e objetos científicos de pesquisa têm se descortinado para a área, provocando uma reorganização e reinvenções de categorias presentes nas ações e práticas de Educação Musical que têm permitido uma nova apreensão dos modelos teóricos e de construção do objeto que ora estão se dando no campo.

2 Pressupostos teóricos

Como mencionado, há mais de duas décadas, tenho procurado refletir sobre o *status* da Educação Musical como uma disciplina científica ou com uma área do conhecimento. Em 1996, participei da mesa-redonda durante o V Simpósio Paranaense de Educação Musical e V Encontro Anual da Abem, realizado em Londrina, Paraná, apresentando o trabalho "Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical" que, posteriormente, foi publicado nos Anais do referido evento (SOUZA, 1996a). Para tratar sobre a pesquisa em sociologia da educação musical, fiz uma breve reflexão sobre a delimitação do campo da Educação Musical como uma área científica trazendo as então recentes discussões feitas na Alemanha sobre o *status* epistemológico dessa área. Por esse caminho, tentei mostrar a gênese e construção do subcampo da sociologia da Educação

Musical, para melhor situar as problemáticas específicas e a necessidade de explicações de construções teóricas de fenômenos pedagógico-musicais.

Para essa discussão tomei como referência central o texto de Rudolph Dieter Kraemer (1995). Na descrição de Kraemer, o campo da Educação Musical é recortado basicamente por duas perspectivas, com diferentes caracterizações ou delimitações: a) uma perspectiva enquanto um campo derivado a partir das ciências da música (*Musikwissenschaft*), a Educação Musical como uma área não autônoma e b) uma perspectiva da Educação Musical com uma construção de uma nova ciência, com discursos que legitimam a sua autonomia, como uma área não derivada de outras áreas da música. Como concluía no referido texto, "essas posições revelam as dificuldades que a questão epistemológica se reveste no campo da Educação Musical, cuja natureza, objeto e método nem sempre são suficientemente claros" (SOUZA, 1996a, p. 15). Ainda em 1996, participei do VI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), realizado na cidade do Rio de Janeiro, onde retomei esse tema com o texto "Repensando a pesquisa em Educação Musical" publicado nos Anais daquele evento (SOUZA, 1996b).

Percebendo a importância dessa discussão para o avanço teórico da área, no ano de 2000, traduzi o texto de Kraemer (1995), "Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical" para ser publicado na Revista em Pauta³. Não se pode medir de uma maneira precisa o impacto que a tradução desse texto provocou na área, no entanto, pelo número de citações, referências obrigatórias de leitura, é possível imaginar que essa produção tenha contribuído para que o objeto de estudo da área ficasse mais claro e que a área saísse de um empirismo ou um praticismo fundamentado apenas em opiniões e experiências pessoais (BASTIAN, 2000).

É possível também pensar que a tradução do texto de Kraemer tenha contribuído para uma mudança na paisagem epistemológica da área, no Brasil, trazendo desdobramentos teóricos e metodológicos, ampliando inclusive o entendimento sobre os campos de ação e dos objetivos de uma Educação Musical como ciência, e, não menos importante, modificando ou trazendo à consciência os desdobramentos sociais da pesquisa em Educação Musical, quando Kraemer define o objeto de interesse da área, como "a relação entre pessoa(s) e música(s)".

³ Trata-se de um número especial da *Revista Em pauta*, v. 11, n. 16/17 organizado por Maria Elizabeth Lucas e Jusamara Souza, contendo traduções de cinco textos referências para a área de música.

Com essa definição do objeto, Kraemer amplia o campo empírico para a pesquisa em Educação Musical, trazendo os ensinamentos-aprendizagens que se dão em múltiplos espaços da sociedade: escolas, igrejas, famílias, espaços de lazer, mídias, aulas particulares, grupos vocais e instrumentais, entre tantos outros (KRAEMER, 2000, p.67).

A divulgação do artigo de Kraemer (2000) na *Revista Em Pauta* e de outros de minha autoria, já citados (SOUZA 1996a, 1996b), geraram discussões e impulsionaram outras publicações que foram inspiradas a partir dessas obras. Desde então, o debate sobre a cientificidade na área foi ganhando mais força no campo da educação musical à medida que outros pesquisadores foram se qualificando e produzindo reflexões como, por exemplo, as de Del-Ben (2001), Ribas e Souza (2014), Trejo León e Souza (2017), derivadas no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, com ênfase na Educação Musical.

Outros impulsos para a discussão desse tema vieram com a produção de estudos do tipo "estado da arte" que buscam mapear a produção científica da área. Nessa direção podem ser citados os estudos de: Del-Ben e Souza (2007); Del-Ben (2013); Fernandes (2006; 2007); Pires e Dalben (2013); Mateiro (2013); Mateiro, Vechi e Egg (2014); Galizia e Lima (2014); Bellochio (2015). Pode-se dizer que o debate epistemológico da educação musical, no Brasil, tem se centrado na discussão sobre a produção da área refletida nesse tipo de publicação. Nesses estudos parecem ficar claros os temas que têm sido explorados, delineando, assim, as especificidades do nosso objeto e de que conhecimento trata a Educação Musical como ciência. O desenvolvimento desses temas mostra de forma ampliada como a área vem pensando seus interesses de pesquisa bem como as possibilidades de intervenção nas práticas músico-pedagógicas, incluindo uma formação crítico-reflexiva dos professores de música.

Mesmo com esse esforço, o debate epistemológico sobre a área da Educação Musical ainda permanece tímido. O campo acadêmico dessa área é hoje amplo, plural e diverso em termos de posições teórico-epistemológicas. Notam-se diferentes formas de se compreender a área representadas nos artigos, debates bem como em eventos e palestras, porém, raramente essas visões são fundamentadas e explicitadas com argumentos que justifiquem os diferentes entendimentos. Assim, ainda continuam em jogo as visões aditivas da área (música *mais* educação), uma subordinação à musicologia, uma visão da Educação Musical como uma área que tem uma dupla participação: na área de música e na área da educação ou mesmo uma área formada entre a intersecção da educação com a música (SOUZA, 2001).

É necessário esclarecer, desde logo, que a posição que venho defendendo em relação a essa área é considerá-la como autônoma. Entendo a Educação Musical como uma área que tem sua autonomia, significando que ela não está subordinada a outras áreas do conhecimento e que pode determinar sua problemática teórica bem como definir seus interesses e ter objeto próprio. Ou seja, autonomia de uma área significa, fundamentalmente, ter o seu próprio objeto, método e linguagem próprias. Entendo a área, concordando com Kraemer (2000), como uma área que problematiza as relações entre pessoas e músicas sob os aspectos da apropriação e da transmissão.

Assim, por ter seu objeto próprio, a Educação Musical pode se “alojar confortavelmente em sua moradia” sem precisar se acomodar “de aluguel na pedagogia ou na musicologia” ou mesmo como “sublocatária” em outras áreas, como advoga Antholz, citado por Kraemer (2000, p. 63). E como um campo autônomo, ela não está subordinada aos códigos da pedagogia (educação) e nem da música (musicologia no sentido mais amplo da ciência da música).

Outro elemento importante para a construção da autonomia do campo é a construção de um corpo teórico que parta de fenômenos músico-pedagógicos observáveis na prática pedagógico-musical. É no diálogo com a prática, também com os diversos campos empíricos, que se pode construir um corpo teórico próprio e teorizar especificamente sobre esse campo, produzindo discursos para legitimar sua autonomia e garantindo a sua existência quando, por exemplo, defende-se a importância sociocultural e educacional da música na formação ou no lazer.

Outros fatores que indicam a autonomia da área, e a situam no campo acadêmico, podem ser: linhas de financiamentos específicos para pesquisas e pesquisadores pelas agências de fomento, dotações orçamentárias para eventos e revistas específicas, ou ainda, a garantia e a manutenção das especificidades da área em concursos públicos universitários ou nas redes municipais e estaduais de ensino. Nesse último exemplo, manter as especificidades de concursos públicos significa não substituir a área pelos outros subcampos da música e valorizar a formação específica de profissionais na área.

Esse entendimento de área, como se sabe, aqui no Brasil e mesmo na Alemanha onde há uma discussão intensa sobre essa temática desde os anos 1970, “está longe de ser unanimidade”. A questão da cientificidade da Educação Musical, se ela era uma disciplina acadêmica ou científica, ganhou contornos mais nítidos com as contribuições de Abel-Struht

(1970) na obra "*Materialien zur Entwicklung der Musikpädagogik als Wissenschaft*" ("Materiais para o desenvolvimento da Educação Musical como ciência") pela pressão para que a área se institucionalizasse nas universidades como um *locus* privilegiado nos campos considerados científicos. Portanto, a reivindicação de seu *status* científico é originária da própria área.

3 O que é a educação musical como área do conhecimento?

Discutir a área da Educação Musical como ciência ou uma disciplina científica exige interpor algumas questões: Se essa área é uma ciência, quais as suas especificidades? O que sustenta seu campo? quais são os argumentos, valores, práticas compartilhados? A seguir, busco responder a algumas dessas questões.

a) O que é reconhecido como pertencente ao campo? Qual é o objeto de estudo?

A produção acadêmica na área da Educação Musical volta-se para os fenômenos da transmissão e recepção da(s) música(s) seja(m) ela(s) de qualquer gênero ou estilo. Entende-se por transmissão e recepção processos de apreensão, aprendizagens musicais difusas ou sistematizadas, transmitidas de formas orais, midiáticas ou escolarizadas, incluindo as práticas pedagógico-musicais no âmbito de socializações musicais, em vários ambientes tais como na família, na rua, na igreja, nas bandas (SOUZA, 2014).

Para Kraemer, o conhecimento pedagógico-musical é complexo e, por isso, sua compreensão depende de outras disciplinas, principalmente das chamadas Ciências Humanas. Para o autor, estão presentes no conhecimento pedagógico-musical as dimensões filosóficas, antropológicas, pedagógicas, sociológicas, históricas, estéticas, psicológicas e musicológicas. Por isso, necessariamente, a construção de uma teoria da educação musical estaria entrelaçada com outras disciplinas considerando as implicações "músico-históricas, estético-musicais, músico-psicológicas, sócio-musicais, etnomusicológicas, teórico-musicais e acústicas" do conhecimento pedagógico-musical (KRAEMER, 1995, p. 157).

Esse diálogo da Educação Musical com outras áreas do conhecimento acaba criando subdisciplinas como a Sociologia da Educação Musical, Psicologia da Educação Musical, sempre vinculadas à "ciência mãe" – Educação Musical, sem que desapareça no horizonte desses subcampos teorizar sobre as práticas músico-pedagógicas. Ou seja, os temas e objetos

emergentes nas pesquisas nessa área necessitam de uma teoria associada, articulada com outras áreas do conhecimento, porém sem perder o foco da Educação Musical. Lembrando que, dependendo do fenômeno, como uma criança tocando algum instrumento musical ou cantando, este poderá ser examinado sob vários aspectos: sociológico-musicais, psicológico-musical, didático-musical, entre outros.

A reflexão sobre as especificidades do conhecimento pedagógico-musical pode contribuir para a construção de teorias explicativas nessa área que partam de instrumentos e práticas metodológicas próprias. Isso não significa se isolar e não se preparar para os cruzamentos de fronteiras e desafios de um campo que está sempre em movimento.

Mais do que o fechamento das fronteiras de um campo sistemático do saber, que tenderia a aprisionar seu objeto, venho propondo o exercício de analisar e interpretar situações músico-pedagógicas abrindo espaços de interlocução entre as subáreas da Música, como Composição, Musicologia, Sociologia da música, e outras áreas do conhecimento, como Sociologia, Religião, Política.

O esforço por desenhar as fronteiras da área de Educação Musical, sem, contudo, nos fechar para os “trânsitos inusitados e inesperados” e as “articulações entre os diversos espaços escolares e não escolares” (SOUZA, 2001) que venho propondo, tem sido um exercício necessário para a área, pois, como recomenda Bourdieu (1983, p. 90), um campo científico “se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos [...]”.

A prática científica da Educação Musical desenhada por Kraemer (2000) está filiada aos princípios das Ciências Sociais e Humanas e opera com uma concepção de ciência na qual o conhecimento é produzido a partir do diálogo com outras ciências e não de uma construção interdisciplinar. Assim não é imposto à Educação Musical, isto é, ela não está fadada a ser tratada como uma área interdisciplinar, formada a partir de mais de uma área como é o caso da educomunicação⁴.

b) Quais seriam os limites e contornos desse campo?

⁴ Ver por exemplo: ALMEIDA, 2016; SANTOS et. al., 2015

Ao longo da história da Educação Musical no Brasil, nem sempre foi esse o entendimento da área, muito ao contrário, os limites deste campo sempre estiveram difusos. Existem produções que se colocam como pertencentes ao campo, mas que são construídas a partir de outras visões e que não deixam os contornos claros da educação musical. Refiro-me aqui, por exemplo, ao fato da teorização da educação musical escolar realizada a partir de um olhar pedagógico com arcabouços teóricos da educação ou por outros campos (Pedagogia, Sociologia, Antropologia, Psicologia) uma vez que não se tem clareza da construção do campo acadêmico da Educação Musical.

Trazer esse tema para o debate passa a ser possível e necessário com a formação de pesquisadores no âmbito da pós-graduação, primeiramente no exterior, na década de 1980, e depois no Brasil com os cursos de graduação em Música e com as novas diretrizes a partir de 2004, que incluíram a necessidade da pesquisa já na formação de acadêmicos, instrumentalizando-os na iniciação científica. A ABEM, como mencionado, deu mais visibilidade ao intelectual da educação musical, profissionais que passaram a contribuir para a teorização desse campo, não deixando de lado, os relatos de experiências de caráter pedagógico-musical e os cursos de formação contínua. Ao incluir todos os tipos de vivências e experiências pedagógico-musicais, a ABM faz parecer legítimo o investimento na área. Aqueles profissionais que atuam no campo da pesquisa em educação musical sabem que o tratamento desses fenômenos de uma forma científica pode fazer com que a área adquira um capital simbólico que justifique a pesquisa e os investimentos na área, recebendo apoio para seguir produzindo, e obtendo o reconhecimento perante os pares. Ou seja, a área da Educação Musical tem, assim, maiores chances de ser reconhecida na academia e fora dela.

Quem participa efetivamente desse campo? Esta questão, citada por Sedas Nunes (2005), remete diretamente aos agentes: quem atua no campo da Educação Musical? quem são os pesquisadores que se apresentam e publicam nos anais e revistas da ABEM? Pode-se afirmar que, em sua grande maioria, são oriundos de programas de pós-graduação específicos de Música ou de áreas afins como Educação, História ou Psicologia. E que, portanto, seus interesses científicos e suas posições estão interligados às linhas de pesquisa dos respectivos programas. O intelectual da área está presente também nos cursos de pós-graduação⁵, nos

⁵ Atualmente na área de Pós-Graduação em Música são 16 Programas Acadêmicos e 3 Programas Profissionais. Fonte: https://capes.gov.br/images/documentos/Relatorios_quadrienal_2017/20122017-artes_relatoriodeavaliacao_quadrienal2017_final.pdf Acesso em: 20 fev. 2019.

congressos científicos, nos seminários, representado por suas entidades científicas, nos grupos de pesquisa, onde são formados os agentes desse campo.

Geralmente, o caminho que se faz para se transformar em um agente intelectual desse campo é lançar-se à prática científica na graduação, geralmente nos cursos de Licenciatura em Música, depois na especialização ou indo direto para o mestrado e doutorado na área específica ou em áreas afins, onde os pós-graduandos aprendem a teorizar sobre os fenômenos práticos que ocorrem nos campos de aplicação da Educação Musical.

Tornar-se um intelectual e um agente nesse campo de pesquisa significa incluir também a sua participação nas políticas públicas da área, como a inserção da música nas escolas do ensino básico, a seleção para concursos de professores de música nas redes municipais, estaduais e privadas de ensino. A participação dos pesquisadores no debate público contribui para dar visibilidade aos fenômenos da área, para mostrar sua importância política, social, educacional e, ao mesmo tempo, para tornar visíveis fenômenos muitas vezes difusos e invisíveis como a educação musical pelas mídias ou nas socializações musicais na família ou na religião⁶.

No que diz respeito aos meios de produção do conhecimento (incluindo métodos de pesquisa, conceitos e teorias, entre outros), um segundo aspecto trazido por Sedas Nunes (2005) são as publicações de relatos de pesquisa em Educação Musical, que trouxeram uma contribuição valiosa para o estado da arte dessa área no Brasil e sobre a formação de educadores musicais. Além de refletir sobre a qualidade de seus problemas, que devem ser investigados com métodos adequados, os educadores musicais têm refletido sobre questões de divulgação, aplicação e utilização dos resultados de pesquisa, impedindo que a produção na área fique subordinada à ditadura da relevância da prática (BASTIAN, 2000).

Praticamente já é consenso na área que a prática pedagógico-musical se encontra em vários lugares, ou seja, os espaços onde se aprende e se ensina música são múltiplos e vão além das instituições escolares. Essa talvez tenha sido uma “virada epistemológica” da área, quando na proposta de sistematização da área de Educação Musical é considerada a emergência de outros temas e, por consequência, a formação de novos grupos de trabalho (GTs) nos encontros da ABEM como, por exemplo, o GT3.1 “Ensino e aprendizagem de

⁶ Ver os trabalhos de Gomes, 2009; Ramos, 2012; Lorenzetti, 2015.

música em contextos sociomusicais não-formais e informais” ou o GT 3 “Educação musical e inclusão social” propostos no XXII Encontro Nacional da ABEM, realizado em 2015.

Sobre o terceiro aspecto trazido por Sedas Nunes (2005, p. 30) - como se encontram estruturadas e como funcionam em relação a outras estruturas e instituições (políticas de financiamento, grau de independência, mecanismos de gestão administrativa e científica, entre outros) - a Educação Musical encontra-se bem estruturada nos programas de pós-graduação, mantendo-se independente de outros subcampos, como a Etnomusicologia/Musicologia, composição e práticas interpretativas, concorrendo com iguais condições às políticas de financiamento, e garantindo mecanismos de gestão administrativa e científica eficientes por meio da ABEM e sua capilaridade em todos os estados, sua representatividade nos órgãos públicos de cultura e educação, como o Ministério da Cultura (MinC) e MEC, em órgãos públicos nacionais (como Fundação Nacional de Arte - Funarte) e organismos internacionais (como a *International Society of Music Education* - ISME), bem como sua participação na elaboração de políticas para o setor.

4 Algumas considerações

A Educação Musical como um campo do conhecimento apresenta uma diversidade de práticas e políticas, crenças e valores que se organizam de forma mais ou menos instituídas seja na esfera da organização coletiva da associação, nos grupos de profissionais e especialistas; seja na formulação de conceitos e relatos de pesquisa divulgados através de publicações, eventos, documentos e posições sobre os temas da área.

O crescente número de pesquisas na área vai consolidando o campo e institucionalizando sua legitimidade social e acadêmica perante outras áreas. incluindo aquelas do campo da Música, como a Etnomusicologia-musicologia, composição e práticas interpretativas. O reconhecimento acadêmico da Educação Musical foi fortalecido também pela capacitação de seus profissionais nos Programas específicos de pós-graduação da área ou mesmo de áreas afins (Educação, História, Letras, entre outros). Mesmo em Programas não específicos vários pesquisadores passaram a construir seus objetos de estudo pelo viés pedagógico-musical (e não apenas pedagógico) colaborando para a produção no campo da Educação Musical.

Construir uma ciência da Educação Musical voltada para as necessidades das práticas pedagógico-musicais é um desejo da área, considerando o seu vasto campo de atuação

profissional. Como discutido em trabalhos anteriores, estabelecer esse campo não se trata de construir um campo interdisciplinar, mas sim de criar uma disciplina científica que dialoga com outros campos, como qualquer outra área do conhecimento o faz.

O debate sobre esse tema pode avançar ainda mais quando forem ampliadas as ofertas da disciplina Epistemologia da Música e da Educação Musical nos cursos de graduação e pós-graduação em música⁷. Pessoalmente, tenho tratado do tema em disciplinas optativas (tópicos especiais) ou mesmo como subtópico de outras disciplinas. Além disso, tenho oferecido cursos de curta duração nos encontros nacionais da ABEM⁸ promovendo debates mais amplos sobre uma questão central para a realização de pesquisas na área e poder ter mais argumentos para fundamentar a prática profissional. Nos últimos encontros nacionais da ABEM, destaca-se ainda a proposição de grupos de trabalhos pelas diretorias da associação, como o GT “Epistemologia da Educação Musical”, que reúne reflexões sobre a temática.

À medida que são produzidos conhecimentos, vão-se ampliando as experiências e consolidando ainda mais as pesquisas nessa área, estabelecendo, assim, cada vez mais, de uma forma consistente, a Educação Musical no cenário científico. Como mencionado, esse campo empírico tem se configurado de forma ampla, não se restringindo mais aos processos de ensino-aprendizagem realizados no contexto escolar. Múltiplos espaços estão se configurando como locais onde ocorrem trocas de informações e aprendizagens musicais, não se limitando mais ao espaço institucional das escolas. A compreensão de Educação Musical para além das dimensões do espaço escolar, adequada à sociedade, na qual todos os lugares são lugares de aprendizagem, traz uma visão epistemológica condizente com a aproximação da aula de música às diversas realidades socioculturais vividas.

Referências bibliográficas

ABEL-STRUTH, S. **Materialien zur Entwicklung der Musikpädagogik als Wissenschaft: Zum Stand der deutschen Musikpädagogik und seiner Vorgeschichte.** Mainz: Schott, 1970. (Musikpädagogik. Forschung und Lehre. Hg. v. S. ABEL-STRUTH. Bd. 1.)

ALMEIDA, L. B. de C. Projetos de intervenção em educomunicação. Disponível em:

⁷ No Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS é oferecida a disciplina “Epistemologia da música” para o nível do doutorado.

⁸ Alguns exemplos: “Epistemologia da Educação Musical” (2009); “Para pensar a educação Musical: fundamentos epistemológicos” (2010); “Epistemologia aplicada às políticas públicas” (2011).

http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_intervencao_da_educacao/1 (agosto 2016) Acesso em: 20 fev. 2019.

BASTIAN, H. G. A pesquisa (empírica) na educação musical à luz do Pragmatismo. Tradução: Jusamara Souza. **Revista Em Pauta**. v. 11, n. 16/17, p. 76-106. 2000.

BELLOCHIO, C. R. Educação musical e Pedagogia: mapeamento em Anais da ABEM (2001-2011). In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 22., Natal. **Anais...** Natal: ABEM, 2015. p. 1-14.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

DEL-BEN, L. M. A delimitação da educação musical como área de conhecimento: contribuições de uma investigação junto a três professoras de música do ensino fundamental. **Revista Em Pauta**, v. 12, n. 18/19, p. 65-93. 2001.

DEL-BEN, L. M. Modos de pensar a educação musical escolar: uma análise de artigos da revista da ABEM. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 37, n. 19, p. 125-148. 2013.

DEL-BEN, L. M.; SOUZA, J. Pesquisa em educação musical e suas interações com a sociedade: um balanço da produção da ABEM. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 17., São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANNPOM, 2007. p. 1-13.

FERNANDES, J. N. Pesquisa em educação musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos de pós-graduação stricto sensu brasileiros. **Revista da ABEM**, v. 15, p. 11–26. 2006.

FERNANDES, J. N. Pesquisa em educação musical: situação do campo nas dissertações e teses dos cursos brasileiros (II). **Revista da ABEM**, v. 16, p. 95–98. 2007.

GALIZIA, F. S.; LIMA, E. F. Ensino superior de Música: levantamento e análise da produção veiculada na Revista da Abem (1992-2013). **Revista da ABEM**, v. 22, n. 33, p. 77–94. 2014.

GOMES, C. H. S. **Educação musical na família**: as lógicas do invisível. 2009. 214p. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

KRAEMER, R.-D. Dimensionen und Funktionen musikpädagogischen Wissens. In: MAAS, Georg (Org.): **Musiklernen und Neue (Unterrichts-)Technologien**. Essen: Die Blaue Eule, 1995, p. 146-172. (Musikpädagogische Forschung; 16)

KRAEMER, R.-D. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Tradução: Jusamara Souza. **Revista Em Pauta**, v.11, n. 16/17, p.48-7. 2000.

LORENZETTI, M. A. G. **Aprender e ensinar música na Igreja Católica: um estudo de caso em Porto Alegre/RS.** 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Música) — Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MATEIRO, T. (Org.) **Publicações da Associação Brasileira de Educação Musical: índice de autores e assuntos 2006-2012,** Florianópolis: Editora da UDESC, 2013.

MATEIRO, T.; VECHI, H.; EGG, M. DE S. A prática do canto na escola básica: o que revelam as publicações da ABEM (1992-2012). **Revista da ABEM**, v. 22, n. 33, p. 57–76. 2014.

OLIVEIRA, A. Entrevista. **Boletim Informativo da ABEM**, ano 5, n. 15, p. 8, jan. 2002.

PIRES, N.; DALBEN, Â. Música nas escolas de educação básica: a produção acadêmica dos cursos de pós-graduação stricto sensu no Brasil (1972-2011). **OPUS - Revista Eletrônica da ANPPOM**, v. 19, n. 2, p. 171–208. 2013.

RAMOS, S. N. **Escuta portátil e aprendizagem musical: um estudo com jovens sobre a audição musical mediada pelos dispositivos portáteis.** 2012. 253p. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RIBAS, M. G. de C.; SOUZA, J. A educação musical na interlocução com as ciências sociais e humanas: um estudo exploratório sobre a produção de conhecimento envolvendo a área. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO*, Montenegro. **Anais...** Montenegro: Editora da Fundarte, 2014. p.1-6.

SANTOS, V. M. dos; FREIRE, D. F. de P.; REIS, V. P. M. dos; PEIXOTO, M. C. P. Comunicação e Educação: da leitura crítica de mídias à construção de um novo Campo. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 20., Uberlândia. **Anais...**Uberlândia: Intercom, 2015. p.1-14.

SEDAS NUNES, A. **Questões preliminares sobre as ciências sociais.** 13. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

SOUZA, J. Contribuições teóricas e metodológicas da Sociologia para a pesquisa em educação Musical. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 5.; Simpósio Paranaense de Educação Musical 5., Londrina. **Anais...** Londrina: ABEM, 1996a, p. 11-36.

SOUZA, J. Repensando a pesquisa em Educação Musical. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 9., Rio de Janeiro **Anais...** Rio de Janeiro: ANNPOM, 1996b. p. 80-86.

SOUZA, J. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da Educação Musical. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 5., 2001, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: ABEM, 2001. p. 85-92.

SOUZA, J. Pensar a educação musical como ciência: a participação da ABEM na construção da área. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, 25-30, mar. 2007.

SOUZA, J. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. **Educar em Revista** [online]. Curitiba. n. 53, p. 91-111, jul/set. 2014.

TREJO LEÓN, R.; SOUZA, J. Formación de investigadores em educación musical: un estudio con egresados de posgrados brasileños. **Boletín de investigación educativo musical. BIEM**, v. 1, p. 34-52. 2017.

Artigo recebido em: 02.02.2020

Artigo aceito em: 09.04.2020